

UMA LEITURA DE *OU ISTO OU AQUILO* DE
CECÍLIA MEIRELES

*Roseli Batista de CAMARGO**

No estudo de alguns poemas infantis, de Cecília Meireles, o primeiro aspecto relevante nos parece ser o que se refere à sonoridade. Podemos dizer que as palavras parecem brotar de uma sonoridade que emana do espírito da poetisa.

Assim, convém lembrarmos-nos de que, segundo alguns filósofos que se preocuparam em entender e definir o surgimento da poesia, como Hegel(1), por exemplo, a sonoridade constitui-se em princípio básico de formação do poema. Para este filósofo, a poesia surgiu da associação da música com as palavras, uma vez que a música é a arte que melhor se presta para traduzir os conteúdos abstratos, tais como os sentimentos, as paixões humanas.

Na obra em estudo, os poemas contidos na coletânea intitulada *Ou Isto ou Aquilo* (2, p. 734), a sonoridade constitui-se em fator de ex

* Aluna do Programa de Pós-Graduação

trema importância para o entendimento dos poemas nela encontrados.

Podemos dizer que esta característica "musical", além da temática neles abordada pela poetisa é o que tem garantido a estes poemas a sua inserção na classificação de uma ramificação da Literatura, denominada Literatura Infantil.

Entretanto, convém lembrarmos de que é esta mesma característica, a sonoridade, o que torna estes poemas unversais. Com base na teoria hegeliana sobre a poesia, a Sonoridade constituiu-se em elemento puramente espiritual. Sendo assim, a sonoridade faz com que o poema seja apreciado por qualquer pessoa, uma vez que, por meio dela, o poema atinge a interioridade de quem o lê.

Outro fator de importância para a caracterização da poesia é a forma de que ela se reveste, pois a poesia se define, também, por apresentar uma estrutura diferente em relação à prosa. Até os espaços vazios que encontramos no poema trazem uma significação especial, pois eles impõem um ritmo de leitura e conferem ao poema uma determinada nuance de significação.

Segundo Hegel, a palavra poética assume uma função superior, ou seja, a de expressar a natureza

reza de maneira digna, nobre, diferenciando, as
sim, o seu discurso do discurso vulgar.

Para comprovarmos o que foi afirmado ante
riormente, atentemos à leitura de:

RIO NA SOMBRA

Som
frio.

Rio
sombrio

O longo som
do rio
frio

O frio
bom
do longo rio.

Tão longe,
tão bom
tão frio
o claro som
do rio
sombrio! (2, p. 727)

um poema de tema tão singelo e que nos traz um
sentimento de serenidade, paz e aceitação do ritu

mo da Natureza. Como explicaríamos sentimentos tão elevados que emanam de sua leitura, a não ser pela musicalidade que deles emana? Esta musicalidade, tão cara ao espírito, é o que nos parece ter sido a inspiração da poetisa ao tentar reproduzir, por meio de palavras, o som do rio. É o som do rio que nos invade, junto à forma do poema e que inunda o nosso espírito de paz, tal qual invade o espírito da poetisa.

Continuando a analisar o Poema, em suas características generalizantes, vimos que ele possui uma forma peculiar e que as palavras nele empregadas assumem um papel especial; elas voltam a traduzir o significado total da palavra, o significado mágico que os povos primitivos lhes conferiam, que já não vemos.

Atualmente, desiludidos pela falta de significação do mundo em que vivemos, nos parece que é através da palavra, principalmente da palavra poética, que iremos reencontrar o significado das coisas que nos rodeiam, dos acontecimentos que nos assaltam e, até mesmo, o significado de nossa própria existência.

A palavra poética é que nos devolverá a visão mágica, primitiva e mítica do universo em que vivemos.

Passemos, então à leitura de outro poema,
intitulado:

O Cavalinho Branco

À tarde, o cavalinho branco
está muito cansado:

mas há um pedacinho do campo
onde é sempre feriado.

O cavalo sacode a crina
loura e comprida

e nas verdes ervas atira
sua branca vida.

Seu relincho estremece as raízes
e ele ensina aos ventos

a alegria de sentir livres
seus movimentos.

Trabalhou todo o dia tanto!
desde a madrugada!

Descansa entre as flores, cavalinho branco,
de crina dourada!

(2, p. 724)

Neste poema confirma-se claramente o que já
dissemos sobre a magia da palavra usada em poe

sia. Nele, podemos dizer que a poetisa cria um lugar mágico, "um campo onde é sempre feriado", através de um investimento de sentido espiritual de que a palavra é capaz. O Cavalinho Branco de que a poetisa nos fala, não é apenas aquele que podemos encontrar em qualquer campo; ele é ao mesmo tempo aquele que encontramos na Realidade e aquele criado pela fantasia da poetisa.

Pela intersecção formada pela poetisa, entre realidade vivida e realidade sonhada, ou mágica, surge uma nova realidade, uma realidade superior. Esta supra-realidade, mostrada pela poetisa é o que nos fará perceber toda a beleza de que se reveste a realidade em que vivemos, beleza que já não víamos, tão embaçada se tornara nossa percepção, pelo desgaste a que a visão continuada a relegara. Na poesia, a palavra é revestida de conotação simbólica.

Voltando a analisar o poema em suas características essenciais podemos nos lembrar de que Hegel define a Poesia como Arte Cristã. Tal definição nos parece evidenciar o significado transcendente, próprio da linguagem poética. A poesia traduziria, então, o momento em que a palavra assumiria um significado tão profundo que mereceria ser por nós reverenciada assim como o cristianismo.

tão reverencia a sua divindade.

Seguindo ainda esta analogia, podemos dizer que, assim como na oração, o poema também necesita de que se siga um ritual, de que nada seja mudado em sua estrutura, para termos assegurado o seu significado místico. Na poesia, assim como na oração, este ritual se evidencia, também, pela maneira como o "fiel", ou iniciado a lê ... A poesia definir-se-ia, então, como um ato mítico, do artista e do leitor, aquele, na revelação do divino e este, na tentativa de sua apreensão. Em Cecília Meireles, parece-nos evidente toda a carga de significado divino de que a poetisa reveste a palavra.

Passemos à leitura de outro poema, que se intitula:

PESCARIA

Cesto de peixes no chão

Cheio de peixes, o mar.

Cheiro de peixes pelo ar.

E peixes no chão.

Chora a espuma pela areia,
na maré cheia.

As mãos do mar vêm e vão,
em vão.

Não chegarão
aos peixes do chão.

Por isso chora, na areia,
a espuma da maré cheia.

(2, p. 723)

Neste poema, além da sonoridade, caracterizada pela figura de linguagem denominada aliteração, encontraremos outro componente de importância no estudo do que Hegel denomina Arte bela. Este componente é a aura do poema, o significado espiritual que nos advém de sua leitura. Este efeito é conseguido através da união, no poema, do sentimento de tristeza que habita o íntimo da poetisa e do objeto por ela retratado, a pescaria, no seu aspecto negativo, o da morte dos seres vivos. O poema traz à nossa consciência um sentimento de angústia, de piedade, experimentados pelo "eu" da poetisa do qual a realidade exterior se torna espelho.

Ao analisar *Ou Isto ou Aquilo*, não poderíamos deixar de mencionar os poemas - *Colar de Carolina* e o poema que dá título à coletânea, *Ou Isto ou Aquilo*.

Em tais poemas, parece-nos conveniente saliantar a postura pedagógica da poetisa, sempre preocupada com a Literatura Infantil e com a criança, leitor primeiro a que se destina tal produção literária.

Passemos à leitura do poema:

COLAR DE CAROLINA

Com seu colar de coral,
Carolina
corre por entre as colunas
da colina.

O calor de Carolina
colore o colo de cal,
torna corada a menina.

E o sol, vendo aquela cor
do colar de Carolina,
põe coroas de coral
nas colunas da colina.

(2, p. 723)

O que chama a atenção, neste poema, é o jogo de palavras montado pela poetisa em torno dos sintagmas colar e Carolina. Considerando-se que a poetisa era também uma pedagoga, o emprego des

te recurso literário não nos parece vão. Ao contrário, podemos supor que a poetisa já supunha o impacto que tal recurso causaria na mente de seus leitores. Este poema chama a atenção de quem o lê pela forma como foi estruturado, forma que nos faz defini-lo como um quebra-cabeças com as palavras.

O procedimento de troca de fonemas é o recurso que nos parece ter sido usado magnífica e magistralmente pela poetisa. Além do valor supremo da poesia que é o de constituir-se na revelação do Belo, neste poema Cecília Meireles mostra-nos a beleza que encontramos ao brincar com as palavras, ao formarmos novas palavras, de onde nos aparece um novo mundo, um mundo colorido pela beleza e pela magia que emanam da combinação destas palavras.

Finalizando, leiamos o poema:

OU ISTO OU AQUILO

Ou se tem chuva e não se tem sol
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo ...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo,

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor - se é isto ou aquilo.

(2, p. 734)

Neste poema, Cecília Meireles coloca o seu leitor face a face com uma preocupação que o segue por toda a vida, a existência de várias possibilidades de ação e a necessidade de escolha que permeia a vida do ser humano. Sem querer enfatizar a importância didática da obra literária, mas não esquecendo de seu valor, podemos dizer que, quando lido pela criança, através de sua identificação com as situações de escolha e antagonismo da vida que a poetisa retrata, o pequeno leitor estará preparando para melhor inte

ragir com a realidade que o rodeia. Realidade em que sempre se achará diante de várias alternativas, entre as quais terá que escolher, sem saber previamente o que seria melhor, ou isto ou aquilo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. HEGEL. *Estética: poesia*. Lisboa: Guimarães Ed., 1964.
2. MEIRELLES, C. Ou isto ou aquilo. In: _____ . *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABBAGNANO, N. *História da filosofia*. Lisboa: Ed. Presença, 1970. v. 9.
- PIAGET, J. *Linguagem e o pensamento da criança*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.